

METROPOLITANA



Orquestra Académica Metropolitana

Mendelssohn & Martinů

Prémio Fundação Inatel



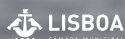
**SEX
21 OUT
19H00**

ACADEMIA
DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

João Balegas
Oboé
Vencedor do Prémio
Fundação INATEL 2022

Jean-Marc Burfin
Maestro

FUNDADORES



MECENAS PRINCIPAL



PATROCINADOR PRINCIPAL



PATROCINADORES



PARCEIROS MEDIA



Mendelssohn & Martinů

Felix Mendelssohn (1809-1847)

As Hébridas, Op. 26 (1830)

(duração aproximada: 10 min.)

Bohuslav Martinů (1890-1959)

Concerto para Oboé e Pequena Orquestra, H. 353 (1955)

(duração aproximada: 17 min.)

I. *Moderato*

II. *Poco andante*

III. *Poco allegro*

Felix Mendelssohn

Sinfonia N.º 3, Op. 56, em Lá Menor, *Escocesa* (1842)

(duração aproximada: 40 min.)

I. *Andante con moto - Allegro un poco agitato - Andante come prima -*

II. *Vivace non troppo -*

III. *Adagio -*

IV. *Allegro vivacissimo - Allegro maestoso assai*



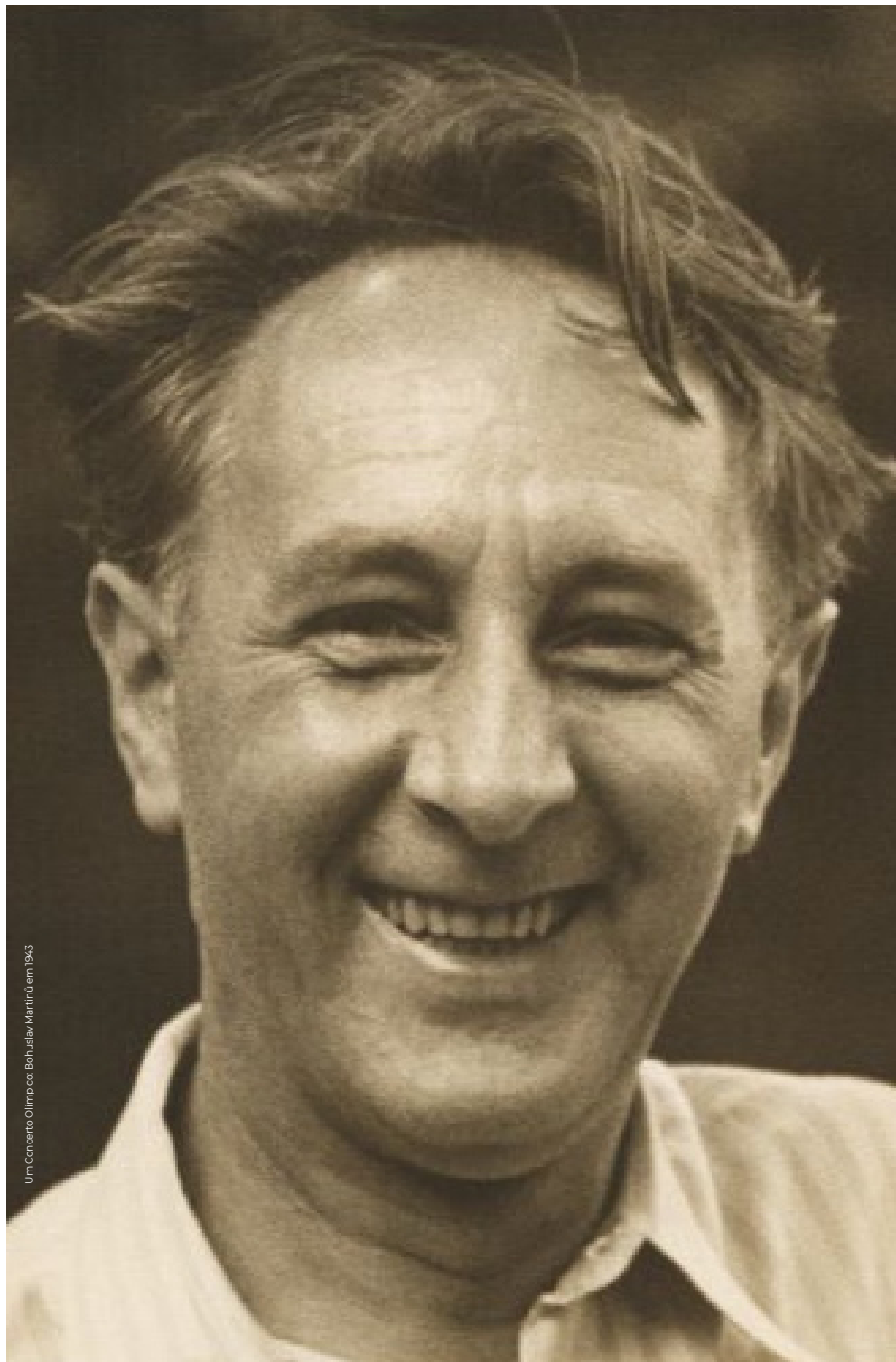
A Gruta de Fingal - Pintura de Thomas Moran (1837-1926) | Fonte: Wikimedia Commons

As Hébridas

Chama-se Abertura, mas não precede uma Ópera. Tem um título teatral, mas não reporta a uma narrativa. Afinal, trata-se de uma obra orquestral autônoma que se impõe hoje no repertório de qualquer orquestra. Em 1830, resultava da inspiração de Mendelssohn diante de uma gruta situada na reserva natural marítima do Arquipélago das Hébridas Interiores, ao largo da costa escocesa. Num só fôlego, é um curto poema sinfônico que evoca o som e a paisagem de um lugar impressionante.

A composição d'*As Hébridas* resultou de uma viagem feita por Mendelssohn a Inglaterra e à Escócia. Daí viria a resultar a 3.ª Sinfonia (*Escocesa*) e – precisamente – esta abertura orquestral Op. 26. O compositor sentiu-se sugestionado pela imponência da Gruta de Fingal, situada na ilha de Staffa das Hébridas Interiores. Deixou-se deslumbrar pela sua dimensão grandiosa, pela peculiar configuração e pela ressonância dos golpes das ondas do mar. Fez então deambular a orquestra por vagas sonoras que remetem para um universo impressionista, bem demonstrativo do lugar de honra que lhe

pertence na vanguarda estilística da música do século XIX. Numa peça musical que se pode descrever como «verdadeiramente inspirada», sem o risco de incorrer em lugares comuns, somos convidados a balançar entre um imaginário melancólico evocativo da singular beleza da gruta e uma disposição tempestuosa, conforme à imensidão e à força do oceano. Esta dualidade distingue-se com particular facilidade, por um lado com um tema melódico nas cordas da orquestra, calmo e lírico, por outro com passagens agitadas em que os metais e as percussões assumem particular relevo.



Um Concerto Olímpico, Bohuslav Martinů em 1943

Um Concerto Olímpico

A par dos concertos de Richard Strauss, Elliott Carter e Vaughan Williams, o Concerto para Oboé de Bohuslav Martinů (1890-1959) é uma referência fundamental do repertório do último século para este instrumento. Datado de 1955, destinou-se originalmente ao oboísta Jiří Tancibudek (1921-2004), também de nacionalidade checa mas naturalizado australiano. Foi estreado no ano seguinte, no contexto alargado dos Jogos Olímpicos de Melbourne. O nível de exigência técnica e expressiva que se pede ao solista combina bem com essa ocasião.

Bohuslav Martinů foi um compositor eclético, difícil de enquadrar num único movimento estético. Numa primeira abordagem, insere-se na mesma linhagem dos compositores checos Smetana, Dvořák e Janáček. Com efeito, estudou no Conservatório de Praga e chegou a ser violinista da Orquestra Filarmónica Checa. Porém, em 1923 radicou-se em Paris e, já durante a 2.ª Grande Guerra, refugiou-se nos E.U.A., vivendo os últimos anos na Suíça. A sinuosidade deste trajeto reflete-se numa diversidade estilística que, em parte, se reconhece neste Concerto para Oboé, o único concerto para instrumento de sopro

do seu catálogo.

O desafio foi-lhe lançado por Jiří Tancibudek, um dos oboístas mais notáveis da segunda metade do século XX, um seu compatriota que se radicou na Austrália em 1950 na sequência do contexto sociopolítico do Leste Europeu no pós-guerra. Curiosamente, não se conheciam pessoalmente até à data. Tudo aconteceu por via postal, sob patrocínio do prestigiado jornal *The Daily Telegraph*. O primeiro encontro entre ambos só aconteceu depois da estreia europeia, já em março de 1958. Encontraram-se então em Basileia e tiveram a oportunidade de trocar impressões sobre detalhes da obra. E tinham bastante de que falar.

Desde início, Martinů confiou a Tancibudek o poder de decisão para introduzir as alterações necessárias para melhor explorar a idiomática do instrumento. Mas terão também falado de outros aspetos, tais como a orquestração ou a supressão de uma das cadências do último andamento. Assim, a circunstância de Martinů ter morrido antes da primeira publicação da obra deu origem a edições com ligeiras diferenças, para lá de a margem de escolha dada pelo compositor a Tancibudek em função das suas preferências se ter estendido a outros intérpretes.

Ainda assim, a dimensão destas pequenas divergências nunca afeta a integridade de uma obra que, apesar de curta, articula humores muito diversos. A vivacidade rítmica, a ambiguidade harmónica, uma instrumentação apelativa... estas são características de fundo que atravessam os três andamentos. Tudo começa com uma introdução orquestral impetuosa, seguida de uma melodia de recorte lírico explanada no timbre nostálgico do oboé. Por sua vez, o segundo andamento traz consigo um ambiente mais meditativo e dolente, destacando-se os solos da trompa e uma citação do bailado *Petrushka*, de Stravinsky. Surpreendem, pelo meio, passagens virtuosísticas do solista que, na companhia do piano, se aproximam da atonalidade. A coda que encerra este andamento é uma das páginas mais impressionantes do repertório para este instrumento. Por fim, no terceiro andamento, floresce um cunho mais popular, porventura reminescente da Polca, uma dança cujas origens coincidem com as do compositor. É, simultaneamente, um desafio técnico com vagos contornos jazzísticos, fazendo lembrar Gershwin, nalguns momentos. Concluiu-se assim, com disposição enérgica e festiva.

A Sinfonia Escocesa

A Sinfonia N.º 3 de Mendelssohn é conhecida como *Escocesa* porque teve origem numa viagem de Mendelssohn àquele país, quando tinha apenas vinte anos de idade. Não se espere porém reconhecer o som das gaitas de foles ou da música tradicional das Highlands. Em vez de melodias rústicas, como acontece na *Sinfonia Italiana*, tudo se desenrola num registo épico que procura ressaltar a importância histórica de um lugar.

Entre as três sinfonias de maturidade de Mendelssohn, a *Sinfonia Escocesa* foi a única publicada durante a sua vida. Chamamos-lhe aqui uma sinfonia de maturidade porque, apesar de ter sido iniciada em 1829, só foi completada em janeiro de 1842, já na cidade de Berlim, e estreada no mês de março seguinte, em Leipzig. Por sinal, só o *Andante* inicial foi efetivamente esboçado na Escócia.

Tudo começou, portanto, naquele ano de 1829 quando, no mês de abril, o músico partiu de Berlim rumo a Inglaterra, iniciando um período de viagens suportadas financeiramente pela própria família e que se estendeu durante cerca de três anos. Já em agosto, enquanto

frequentava os salões mais ilustres da cidade de Londres, planeou com o seu amigo Karl Klingemann uma expedição a pé por terras da Escócia. A ideia era caminhar desde Edimburgo até à costa oeste, e depois atravessar de barco para a Ilha de Mull. Esta aventura veio a inspirar a célebre abertura orquestral *As Hébridas*. Mas foi ainda em Edimburgo que Mendelssohn se deixou impressionar pelas gaitas de foles e pela visita ao Palácio de Holyrood, onde reinou Maria Stuart, no século XVI. Foi diante daquelas ruínas que nasceu a ideia de compor uma sinfonia. Ao ouvi-la, percebe-se que terá sido esse capítulo da história escocesa o que inspirou a criação.

A melodia que se estende sem pressa na secção introdutória serve de referência para o estado de ânimo que predomina ao longo de quatro andamentos que, conforme determinação do próprio compositor, deverão ser interpretados sem interrupções. Tudo se constrói na tensão instalada entre sonoridades pastoris e alusões marciais, como numa narrativa indecifrável que parece dialogar com a história do monumento. Progressivamente, somos conduzidos por cadências quase dançáveis. E se

tivéssemos de associar uma pintura ao final deste primeiro andamento, sugeriríamos uma imensa tempestade.

Depois disso, já no andamento seguinte, tudo se apresenta mais desanuviado, muito embora frenético, nalguns instantes. Os motivos melódicos saltitam de instrumento em instrumento, permitindo imaginar um retrato de paisagens campestres escocesas no esplendor da primavera. Este é o único momento da sinfonia que permite conjecturar uma referência explícita à música tradicional da Escócia. É um ambiente bucólico que contrasta com o rigor da marcha lenta que preenche o terceiro andamento.

O andamento final é o mais complexo, e também aquele que consegue obter um efeito dramático mais impactante. Nele se confrontam os motivos soltos com a impetuosidade rítmica de um cenário bélico, desta vez mais contundente e sublinhada por uma orquestração carregada de tímpanos e metais. Tudo parece terminar em vitória, ao som de um hino que se repete várias vezes, com pompa e circunstância.

Textos de **Rui Campos Leitão**





João Balegas



Jean-Marc Burfin © David Rodrigues

João Balegas Oboé

João Balegas, natural de Almada, nasceu em 1993 e iniciou os estudos de oboé aos catorze anos de idade na Escola de Música do Conservatório Nacional com o professor Luís Marques. Dois anos mais tarde, no mesmo conservatório, ingressou no Curso Profissional de Instrumentista de Sopros e Percussão na classe do professor Salvador Parola. Em 2019, ingressou na Academia Nacional Superior de Orquestra, na classe do professor Nelson Alves. Como aluno, participou em masterclasses com Laura Marcos, Sally Dean, Christian Wetzel e Ramón Ortega Quero. Participou, também, nas edições 2011 e 2012 da Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música, sob direção de Eduardo García-Barrios e

Rodolfo Saglimbeni, no estágio de 2012 da OCPzero, sob direção de Pedro Carneiro, e foi instrumentista efetivo da Orquestra Sinfónica Juvenil entre os anos 2012 e 2015, sob direção de Christopher Bochmann. Integrou a Banda Sinfónica do Exército entre 2013 e 2014, e a Banda do Exército - Destacamento do Porto entre 2014 e 2019, onde se apresentou a solo em Oboé e Corne Inglês.

Participou em diversos concursos, tendo sido premiado com o 3.º Prémio *ex-aequo* no Concurso do Curso Profissional de Instrumentistas de Sopros e Percussão / Fundação Inatel 2010 na Escola de Música do Conservatório Nacional e o 1.º Prémio *ex-aequo* no Prémio Inatel / Solistas de Orquestra 2022 na Academia

Nacional Superior de Orquestra, sendo agora convidado para interpretar a solo o Concerto para Oboé e Pequena Orquestra de Martinů com a Orquestra Académica Metropolitana.

João Balegas tem vindo a colaborar com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Sinfonietta do Porto, a Sinfonietta de Ponta Delgada, o Capdeville Ensemble e a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, sendo dirigido por maestros como Pedro Neves, Pedro Amaral, Rui Pinheiro, Emilio Pomarico, José Eduardo Gomes e Nikolay Lalov. Atualmente, integra a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras como Solista A e é professor de Oboé no Conservatório de Música de Cascais.

Jean-Marc Burfin Maestro Titular da OAM

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Estrasburgo e Reims.

Durante as masterclasses que frequenta, é encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzburgo, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário

internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev.

Jean-Marc Burfin dirigiu várias orquestras, tanto em França como no

estrangeiro (Colonne, Lamoureux, Pays de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie, Potsdam Philharmonie, Württembergische Philharmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003/2004.

Gravou um CD na editora Naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy.

Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra.

Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

Orquestra Académica Metropolitana

A OAM estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abrangendo um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros.

Para além do seu maestro titular, a

OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri. A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliane Bizineche, Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, o quarteto italiano Banda Osíris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas. Na presente temporada tem agendados quatro programas diferentes, participando ainda

nos concertos da Orquestra Sinfónica Metropolitana.

A Academia Nacional Superior de Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num acompanhamento individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes pelo número de alunos premiados em concursos de renome, pelas admissões dos estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.



FLAUTAS

Luís Marto
Maria Eduarda Carvalho
Hélio Santos
Beatriz Marques

OBOÉS

Rodrigo Marques
Adriana Santos

CLARINETES

Eduardo Faria
Tiago Mourato
Manuel Dias
Sara Rocha

FAGOTES

Miriam Cunha
Roberto Arcáleanu

TROMPAS

César Luís
Ivan Branco
Tiago Nunes
Helena Gabriela

TROMPETES

Sérgio Cabral
Leonel Cardoso
Rui Gil
Marco Jesus

TÍMPANOS

Tiago Rocha

PIANO

Afonso Salazar

1.º VIOLINOS

Nuno Rodrigues
Carolina Correia
Luísa Semedo
Carolina Parda
Francisco Costa
Lia Nascimento
Ana Rita Almeida
Diogo Mateus
José Ribeiro
Inês Nogueira

2.º VIOLINOS

Xavier Pereira
Leonardo Martins
João Pimenta Martins
Ana Massacote
Cíntia Sebastião
Filipa Braamcamp
Guilherme L. Reis
Catarina Lobo

VIOLAS

Sara Valentim
André Teixeira
Camille Estêvão
Ana Russo
Vladimira Plugaru

VIOLONCELOS

André Alves
Beatriz Correia
Rui Mota
Sara Oliveira
Inês Coelho

CONTRABAIXOS

Guilherme Reis
Rita Hipólito

METROPOLITANA

Diretor Executivo Miguel Honrado
Diretor Artístico Pedro Neves
Diretor Pedagógico Yan Mikirtumov
Diretora Administrativa e Financeira Fátima Angélico

Fundadores



Ministério da Cultura
Ministério da Educação (representado pelo SE Adjunto e da Educação e pelo SE da Juventude e Desporto)
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo

Mecenas Principal



Promotores

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

Parceiros em 2022

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



Parceiro do Programa "Música E Ciência"



Patrocinador Principal



Patrocinadores



Parceiros Media



Parcerias

São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva | Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente
Academia das Ciências de Lisboa | Museu Nacional dos Coches | Museu Nacional da Música

www.metropolitana.pt

facebook.com/metropolitana | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela produção. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

Próximos Concertos

Ousadia e Exaltação

Música na Universidade

SÁB. 29 OUT. 19H00

AULA MAGNA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Piano: **António Rosado**

Maestro: **Pedro Neves**

Obras de **Beethoven**, **Francisco Lima da Silva** e **Brahms**

Um «Pequeno» Concerto

Música na Universidade

SÁB. 5 NOV. 19H00

AULA MAGNA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Piano: **António Rosado**

Maestro: **Sylvain Gasançon**

Obras de **Beethoven**, **Carlos Caires** e **Brahms**

BILHETES À VENDA - 10€

Reservas / Informações: Ligue 1820 (24 horas) / 21 361 73 21
Ticketline e locais habituais

BILHETES À VENDA - 10€

Reservas / Informações: Ligue 1820 (24 horas) / 21 361 73 21
Ticketline e locais habituais